

LIMA, Daiane Nonato de. **Cambindas de Triunfo Reiventando a Tradição**. Salvador: Universidade Federal da Bahia (UFBA). Programa de Pós Graduação em dança. Mestrado; Orientadora: Daniela Maria Amoroso. Bailarina/brincante das Cambindas de Triunfo.

Resumo: No presente artigo, procuro enfatizar a importância de se continuar realizando atos de reinvenção com o atual grupo “Cambindas de Triunfo”, como ação de ativismo Chaia (2007), constituindo com essa comunidade um acervo da memória local, assim como, inserir a comunidade nos processos de reinvenção e continuidade das Cambindas, e na produção de pesquisa escrita sobre o tema, servindo de subsídios para as próximas gerações e ampliando o leque de escritas sobre a dança.

Palavras chave: Cambindas, reinvenção, acervo, memória, historiografia.

Abstract: In this article, I try to emphasize the importance of continuing to carry out acts of reinvention with the current group "Cambindas de Triunfo", as an action of activism Chaia (2007), constituting with this community a collection of local memory, as well, as inserting the community in the processes of reinvention and continuity of the Cambindas, and in the production of written research on the subject, serving as subsidies for the next generations and expanding the range of writings on dance.

Keywords: Cambindas, reinvention, collection, memory, historiography.

A minha relação com as danças populares se deu desde cedo, era admiradora das manifestações populares, meus olhos se enchiam de encanto ao avistar as figuras que compunham o carnaval de Triunfo-PE¹, lembro-me com muita clareza de ver passar os Caretas de Triunfo (Grupo de mascarados que saíam nos carnavais), os blocos carnavalescos, passistas de frevo.

¹ Triunfo é um município brasileiro do estado de Pernambuco, sua população é de pouco mais de 15.000 habitantes, é uma das cidades mais altas do estado, com altitude de 1.004 m, fica a aproximadamente 410 km de distancia da capital Recife. O município se destaca pelo clima, pelo turismo local, pelo acolhimento dos moradores e, sobretudo pela proliferação da cultura e arte da cidade.

Encontrei-me no universo das danças populares, sei também que essa relação não me vem por acaso, meu pai era negro, músico e muito envolvido com as artes, isso me faz crer que a minha relação com as danças, principalmente de matrizes africanas já estavam em mim muito antes que eu pudesse me dar conta, e me chega em forma de sensações. O batuque do tambor me move, o pisar dos pés firmes no chão me arrepia, as loas me encantam e unir esses três elementos me satisfaz, foi através dessas relações que eu – corpo com a noção de skénos² estabelecia com esses elementos, que me aproximei e posteriormente adentrei na manifestação Cambindas de Triunfo.

Cambindas é uma manifestação popular que tem seu surgimento, o ano de 1913, tendo como berço da sua criação a comunidade do Bairro Alto da Boa Vista, na cidade de Triunfo, no Sertão Pernambucano (LOPES, 2003). Surge como uma brincadeira no carnaval, composta a princípio apenas por homens, em sua maioria negros. De acordo com a autora, as Cambindas saíam às ruas vestidas de mulheres para brincar e animar a festa das pessoas por onde passavam. Duas figuras se destacavam nessa brincadeira, a nêga véia que conduzia o cortejo, usava uma roupa toda estampada, turbante na cabeça, levava em suas mãos uma calunga e pintava o seu rosto de preto e a porta estandarte, que levava o estandarte com o nome do grupo, vestia roupas vermelhas com detalhes amarelos. Os demais usavam saias estampadas e blusas brancas. O Grupo sempre que saía às ruas era recebido com comidas e bebidas pelos moradores da cidade.

Em suas visitas às casas, as cambindas cantavam e tocavam, as loas sempre surgiam no improviso, contavam casos de suas vivências no dia a dia e criavam com as situações que surgiam na hora:

“Ó senhora dona do hoté
me faça um café
Pra minhas baianas
Asse banana da palma comprida

² “Skénos é a noção de corpo que a etnocenologia trabalha para argumentar pelo corpo que não Separa carne e espírito, segundo o manifesto da etnocenologia”(AMOROSO,2010).

que o melhor da vida
é um goipe de cana”

(trechos das loas das Cambindas de Triunfo)

Hoje é uma reinvenção que se tem como continuidade dessa manifestação. Sendo essa dinâmica da tradição que pretendo compreender.

“Nas ladeiras da nossa Triunfo
colhi muitos frutos da herança da terra
nasci nos montes me criei nas serras
lembrar do sertão numa canção singela”

“Sou Cambinda da saia de chita
Platéia bonita me vendo dançar
segura o passo rodando os babados
cabelo entrançado vai te encantar”.

(Loas do Grupo Cambindas de Triunfo – composição de Jéssica Caitano)

Adentrar na comunidade do Alto da Boa Vista, com a intenção de buscar relatos, identificar possíveis resquícios nos corpos e nas mentes daquele povo da manifestação popular Cambindas, estabelecer diálogos entre a reinvenção dessa manifestação e os moradores do bairro, perceber como se perdeu o processo de transmissão dentro dessa comunidade, pode contribuir no entendimento dos processos desta manifestação ao longo do tempo. A tradição repassada às novas gerações é um fenômeno intrínseco como ocorre com a cultura popular salvaguardando estes costumes da extinção (DE CERTEAU e DOMINIQUE, 1989).

Abordar esses assuntos é mergulhar nas peculiaridades e intimidades de grupos sociais, pois essas manifestações estão ligadas às vivências das comunidades. Entender sobre uma dança e seus modos de articulação é entender também como a comunidade se organiza e como acontecem às relações nesse ambiente, como vivem. Esse modo de entender o contexto de uma dança é um princípio metodológico da etnocenologia (AMOROSO, 2010).

As influências das relações sociais sofridas pelo acelerado processo de globalização, processo este que impacta diretamente no avanço tecnológico, nas formas de comunicação cada vez mais virtuais, impactando nos encontros presenciais, no contato corpo a corpo. Nesse processo há a troca de

conhecimento e fortalecimento das transmissões das manifestações populares, bem como das suas memórias para as novas gerações que não tiveram a oportunidade de vivenciá-las. O mundo social é possuidor de concepções em constante transformação e nem um pouco estáticas (DE MELO ALVES, 2014).

Ouvir falar em Cambindas era algo que remetia apenas a tempos bem distantes. Lembrar as pessoas que contribuíram para a ampliação dessa manifestação, era percorrer pelas memórias daquela comunidade como algo vivido, brincado e deixado no passado, não mais acessado, até cair nas inquietações de pessoas que não se contentavam em deixá-las apenas como lembrança, uma recordação boa que ainda corre nas veias dessa população, registros que vem a tona toda vez que se ouve falar em pessoas que foram fundamentais para essas vivências. João Rufino, João de Pastora, Fonfon de Nita, são apenas algumas personalidades da comunidade que fizeram história e deixaram um belo legado a essa população, já possivelmente como forma de resistência dentro do contexto social em que eles se encontravam, a comunidade do Alto da Boa Vista é um bairro marginalizado da cidade, tendo na época notadamente essa discrepância nas relações com as pessoas do centro da cidade, comunidade de maioria negra, classe social baixa, nas loas também era possível identificar esses atos de resistência quando diziam:

Todo mundo me dizia
Que as Cambindas não saíam
As Cambindas Estão na rua
Com prazer e alegria.

(trecho das loas das Cambindas de Triunfo)

Anos depois, por iniciativa de alguns professores da Escola Alfredo de Carvalho³ começaram um processo investigativo, criando um grupo de dança em que retratavam as Cambindas a partir de informações coletadas com a população sobre essa manifestação. Influenciados por este momento, alunos dessa mesma escola criaram um novo grupo, o qual denominaram de

³ Alfredo de Carvalho é uma escola estadual, situada na cidade de Triunfo e desempenha um papel muito importante na educação da cidade, atualmente é uma Escola de Referência em Ensino Médio.

Ambrosino Martins⁴; grupo de dança e percussão que se baseou nas pesquisas da professora Maria Helena Pádua⁵. Anos mais tarde, por volta de 1998, novamente a Escola Alfredo de Carvalho exerce influência importante, ao retomar as pesquisas sob a orientação de uma aluna e componente do grupo Ambrosino Martins, trabalho este que deu origem a formação de outro grupo de dança que retratou as Cambindas. Esta iniciativa perdurou por cerca de quatro anos. Foi neste período que tenho meus primeiros contatos com esta manifestação. Deparo-me com uma rica experiência cultural ao ser a “Nêga Véia”: que no seu formato primeiro era um homem vestido de mulher, turbante na cabeça, sempre na frente do cortejo, levando nas mãos uma calunga, vestida com trajes bem semelhantes ao seu.

Segundo Neves (2015) as calungas são originais da cultura africana, presentes em cultos dedicados aos ancestrais e vuduns. Há uma transgressão no tempo e no espaço, do passado para o presente, representações de antigas rainhas dos maracatus homenageadas. De acordo com Benjamin (1989) apud VICENTE, (2005), o maracatu de baque solto seria uma variante das Cambindas, brincadeira tipicamente masculina, a qual, os homens se vestiam de mulheres. Com a missão de “abrir caminhos” para o maracatu desfilarem, as calungas podem ser simbolizadas por “bonecas-fetichê”. A expressão calunga também pode referir-se à pessoa que a carrega, a portadora, que no caso das Cambindas de Triunfo tem como protagonista a Nêga-Véia.

Vários foram os períodos e muitas foram às pessoas que tiveram o prazer de fazer parte dessa brincadeira, cada época com suas peculiaridades, que mesmo passando por transformações e sofrendo influências retratava as características originárias. Quando é lembrada pela escola deixa de ser um brinquedo popular, tipicamente masculino, e passa a ser parte de uma coreografia dançada, principalmente por meninas, compondo um repertório de um grupo de dança.

⁴ Ambrosino Martins surgiu na então cidade de Triunfo – PE, no ano de 1997, a princípio grupo de dança de nome inspirado em um conhecido tocador de pé de bode, brincante de alaursa, tocador de novenas, e o precursor dos festejos folclóricos da cidade em meados da década de 1950, o grupo de dança deu origem a banda que permaneceu com a homenagem no nome ao ilustre seu Ambrosino.

⁵ Maria Helena Pádua é uma renomada professora e escritora da cidade de Triunfo. Ela e todos os seus irmãos tem atuado como educadores de destaque na cidade.

Em outro momento, um menino muito atento e observador que de acordo com Yoshinaga (2014) tinha os ouvidos bem apurados, era admirador nato de sons e instrumentos musicais, porém o que mais lhe encantava era o ritmo retumbante dos instrumentos percussivos. Esta criança era Nelson Triunfo, hoje músico renomado e precursor do Hip-Hop no Brasil, é Triunfense e também teve as Cambindas como fonte de inspiração para suas composições.

Eu adorava, eu via o maracatu de Recife, já mais tarde que eu já era músico, começava ver os trabalhos do Chico Science, começava a ver outros trabalhos de maracatu de Recife e eu procurava a batida de Triunfo e não achava, aí eu digo, não, está em extinção o maracatu de Triunfo, e eu preciso fazer alguma coisa por isso, foi quando eu vim e procurei encontrar os caras, eu ainda encontrei o Gaitinha que era o que tocava na caixa e o nego Zuza que morava lá em cima e ele foi um dos que me ajudou muito dizendo algumas histórias que aconteciam. (Entrevista com Nelson Triunfo em Julho de 2017).

Um novo contexto social, uma nova significação. A história contada por Nelson Triunfo que fez uma pesquisa sobre a “história das Cambindas”, e, sobretudo, a história do Maracatu, na escrita de uma música que utilizou como referência para sua reinvenção. Para Silva (2012) “O maracatu de baque solto mais antigo foi criado em 01 de dezembro de 1914, que era o Cambindinha de Araçoiaba, quatro anos depois nasceu o Cambinda Brasileira, em 1918 na cidade de Nazaré da Mata”. As datas dessas manifestações, demonstram serem contemporâneas aos primeiros relatos das Cambindas de Triunfo que conforme já mencionado datam de 1913 (LOPES, 2003).

As Cambindas ressurgem no município de Triunfo após dez anos, por iniciativa de Lúcio Fábio, produtor cultural oriundo do Bairro Alto da Boa Vista, ao criar e aprovar um curso de dança “Cambindas de Triunfo: resgatando a cultura de um povo”, pelo FUNCULTURA (Fundo de Cultura do Estado de Pernambuco). O referido curso teve duração de dois meses, sensibilizando crianças e adolescentes, dando origem ao que posteriormente seria o atual grupo de Cambindas de Triunfo. Para Marques (2010), relacionar a dança aos dançantes e os dançantes ao mundo é uma responsabilidade da arte, do ensino e da sociedade. Após inúmeras pesquisas e participação de diversas

peessoas, incorporamos e reinventamos esta manifestação em um processo constante de ensino-aprendizagem, mediação e transmissão.

Nesta reinvenção, as crianças e adolescentes cantam, tocam, dançam e saem às ruas com o propósito de retratar as Cambindas com um olhar contemporâneo, recriando músicas e danças e ressignificando vivências históricas dos brincantes, mantendo suas características de dança popular de origem africana. De acordo com Ligiéro (2011) “os africanos trouxeram para o Brasil formas celebratórias originais de suas etnias (dança/canto/batuque), inicialmente foram perseguidas, depois toleradas e alguns casos incentivadas pelo poder local e pela igreja”. Para Machado (2017), produzir arte reconhecendo nossa ancestralidade é revalorizar nossa identidade cultural. Assim o que antes eram homens, adultos, que saíam com o propósito de brincar o carnaval, criando músicas com cada situação encontrada e retratando suas vivências sociais é atualmente reinventada. Muitos olhares compõem essa reinvenção, e essa tradição. Neste processo dialético de transmissão, alguns trazem sua história:

O que eu tenho a dizer sobre as Cambindas é que eu era menina, pequena, o carnaval daqui era muito animado, tinha o clube das Cambindas que chamavam clube do maracatu, nesse tempo quem era de conta dele era um homem chamado João de Pastora, os homens vestiam as roupas das mulheres, tinha porta bandeira e saia o bloco e tinha João de Pastora que saia com a calunga bonita, bem grande, entrava nas casas e os donos das casas davam dinheiro, depois João de Pastora morreu e ficou compadre João Rufino, aí era o que chamavam nêga véia, ali eles comiam, bebiam e saiam. O maracatu quando se encontrava com o clube dos lenhadores aí dançavam juntos. O porta bandeira do clube do maracatu era finado Moacir irmão de seu Durval. (Luísa de Boinho, entrevista realizada em novembro de 2013).

Portanto, o referido estudo se propõe a criar mediações entre o grupo de dança “Cambindas de Triunfo” e a comunidade do Alto da Boa Vista, assim como colaborar com a salvaguarda deste patrimônio imaterial (UNESCO, 2003), sendo o corpo um dinamizador de uma memória local, constituindo junto com essa comunidade um acervo dinâmico e um mapeamento pelo bairro, como forma de reconhecimento aos brincantes que iniciaram essa tradição.

Deste modo, esta pesquisa se justifica para identificar o papel da reinvenção dessa tradição, para permanência e ressignificação da memória e identidade desta na sua comunidade de origem, bem como, o entendimento dos efeitos que a retomada de tal manifestação causa na lembrança dessas

pessoas que viram ou viveram, e na possibilidade de compartilhamento com as novas gerações. Estudar as tradições ilustra bastante às relações humanas com o passado (HOBBSAWN, RANGER, p.21, 1997).

Ainda, o presente estudo, se propõe a aprofundar o conhecimento da dança popular (Cambindas), contribuindo com o desenvolvimento e acúmulo de conhecimento, de estudos sobre dança, sobretudo acerca das danças populares, as quais têm uma maior necessidade de se constituir um acervo de memória, pois, por muito tempo foram transmitidas na oralidade, assim como, também pela olharidade (PINTO, 2014), deixando pouco registro escrito dessas vivências. Então, é uma necessidade iminente de se constituir este acervo, trazendo a compreensão de todo contexto histórico do município de Triunfo, compreendendo também o processo de engajamento do Grupo de Dança “Cambindas de Triunfo” com a comunidade de origem. Agregar valores ao grupo existente, a partir das contribuições de pessoas que presenciaram em algum momento essa manifestação, além de contribuir com a continuidade, mesmo sendo a reinvenção desta, na comunidade originária. “Toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento de coesão grupal” (HOBBSAWN, RANGER, p.21, 1997).

Tornar acessível um rico estoque de informações sobre a cultura desse lugar, as influências que o constituíram e o legado na área de dança deixado para essa geração a qual tem a possibilidade de continuar constituindo essa história.

Ressignificar essa presença na composição de uma experiência artística que tem como base a reinvenção de uma tradição, é devolver a essas pessoas implicadas no processo, a possibilidade de olhar no outro de forma mais profunda, que ultrapasse as barreiras da materialidade, do dizível, do palpável. É encontrar um equilíbrio entre o entregar-se e deixar-se envolver pelo outro com o mais sensível que se possa atingir, constituindo de fato essas memórias pela via afetuosa.

Referências:

- AMOROSO, Daniela. **Etnocenologia: conceitos e métodos a partir de um estudo sobre o samba de roda do Recôncavo baiano**. Anais ABRACE, v. 11, n. 1, 2010.
- CHAIA, Miguel Wady. **Artivismo–Política e Arte Hoje**. Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política, n. 1, p. 9-11, 2007.
- DE CERTEAU, Michel; DOMINIQUE, Julia. **A beleza do morto: o conceito de cultura popular**. Revel J, organizador. A invenção da sociedade. Lisboa: DIFEL, p. 49-75, 1989.
- DE MELO ALVES, Érika Catarina. **Da sapata e do pisar o chão: reflexões sobre a constituição do Mestre nas Cambindas**. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia 2014, Natal/RN.
- HOBBSAWN, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Coleção Pensamento Crítico; v.55).
- LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a corpo: estudo das perfomances brasileiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- LOPES, Diana Rodrigues. **Triunpho: a Corte do Sertão**. Santa Cruz da Baixa Verde, 2003.
- MACHADO, Lara Rodrigues. ANDRADE, Sara Maria de (Org). **Danças no jogo da construção poética**. Editora: Natal Jovens Escribas. Natal-RN. 2017.
- MARQUES, Isabel A. **Linguagem da dança: arte e ensino**. São Paulo: Digitexto, 2010.
- NEVES, Denilson Francisco das. In DE OLIVEIRA RIOS, João Tadeu (Org). **A Calunga Perdida: Dança Popular nas Instituições de Ensino Superior**. REPERTÓRIO: Teatro & Dança, p. 156-172, 2015.
- PINTO, Monilson dos Santos. **Nego fugido: o teatro das aparições**. 2014.174f. Dissertação de Mestrado (Artes Cênicas) UNESP, São Paulo, 2014.
- SILVA, Severino Vicente da. **Festa de Caboclo**. 2ed. Olinda-PE: Revista e ampliação, 2012. 97 p.
- UNESCO. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial. Paris, 17 de outubro de 2003. Disponível em www.unesco.org.br/cultura/, acessado em 10 de julho de 2018.

VICENTE, Ana Valéria. **O espetáculo como espaço social: um estudo sobre a valorização do popular através da imprensa e da mídia.** Recife: Ed. Associação Reviva, 2005. 148p.

YOSHINAGA, Gilberto. **Nelson Triunfo: do sertão ao hip-hop.** Shuriken Produções/LiteraRUA, 2014.